

JORNAL: Revista Veja LOCAL: Guarabara

DATA: 14/06/1972 AUTOR: _____

TÍTULO: Resumo JB - Os dez mais

ASSUNTO: Os dez mais do Resumo JB - Ivan Serpa 4 vezes no RESUMO JB
então está na página 97 desenho do Ivan Serpa

ineficaz: simplesmente um desfilar de jovens realizando em cena todas as contorções da moderna expressão corporal do bailarino Klaus Viana (um dos primeiros a aplicarem esta técnica no Brasil), interessantes algumas delas, mas sem que tivessem qualquer relação com o resto.

Sem saber exatamente o que dizer, um elenco visivelmente despreparado balbuciava no palco as falas que lhe impuseram. Na estréia, o público, composto em parte por adolescentes, reagiu barulhentosamente ao murmúrio que conseguia perceber, para, nos outros dias, cansado de um esforço inútil, responder apenas com o tédio.

Dois estréias — No teatro João Caetano, a sorte de Hélio Bloch não foi maior. Dirigindo seu próprio texto, onde pretendia contar a vida de dom Pedro I, mostrou apenas uma versão correta, mas excessivamente didática, dos fatos históricos. Como um professor consciencioso, o autor teve o cuidado de restabelecer o verdadeiro caráter de personagens como dom João VI, tantas vezes caricaturados. Como diretor, descuidou-se o bastante para que sua peça só saia do nível escolar para atingir o dos mais baratos espetáculos circenses.

O produtor estreador, João Luiz Rohe, apresentado no programa da peça como "um self-made-man que abandonou os estudos para vender títulos" e que chegou ao teatro "para ficar", deve ter calculado mal o tempo que se gasta para a preparação de uma verdadeira homenagem.

Na noite da estréia, o espetáculo durou cinco horas, entre atrasos de vários tipos. A crítica especializada negou-se a escrever sobre a peça, comentando somente o desconforto e a irritação dos que assistiram à mais longa noite do teatro carioca. Depois de mais uma semana de ensaios, "Independência" tornou a estrear, com idêntico e barulhento insucesso.

A lição — Dos dois mal-entendidos — o de Grisoli, por excesso de ambição, e o de Bloch e Rohe, por total falta de condições — é possível lamentar apenas um erro comum: o desperdício de um diretor como o de "Por Mares Nunca Dantes Navegados" (que já esteve bem mais afinado no próprio gênero musical, como em "Onde Canta o Sabiá") e o de atores como Pereio, Nestor Montemar (dom Pedro I) e Fregolente (dom João VI).

O primeiro salva como pode a sua parte, mas os outros, dois bons cômicos, não conseguem escapar ao grotesco quando interpretam seriamente seus históricos personagens. Lição final dessas festas comemorativas: mesmo varões assinalados nem sempre vão além da Taprobana.

ARTE



O vôo de Ícaro: visto com humor

GERDA BRENTANI

A graça do mito

Nem sempre mitologia significa uma coleção de lendas empoeiradas ou uma série de nomes complicados de deuses que matam e roubam como se fossem mortais. Para a desenhista Gerda Brentani, por exemplo, as figuras mitológicas podem ser vistas com muito humor, e ela as transforma no tema constante de uma exposição de 29 trabalhos, feitos de 1971 para cá (galeria Astréia, São Paulo), à venda entre 800 e 2.000 cruzeiros.

Mais: Gerda, italiana que vive no Brasil há mais de trinta anos, toma a palavra mito em seu sentido mais amplo (não apenas grego ou romano) e trata também de outros acontecimentos ou personagens que se tornaram mitológicos ao longo de nossa civilização. Por exemplo: a Dama das Camélias, Madame Pompadour, um bandeirante, o guerreiro medieval, Dom Quixote. Ao lado de centauros, ninfas, unicórnios e sereias, essas personagens transformam a exposição num inteligente inventário crítico de comportamentos ou frases históricas que a artista deseja principalmente ironizar.

Atualidade — Partindo dos argonautas, o itinerário de Gerda chega aos astronautas e termina por abordar o último mito criado pelo homem: o da máquina, tratado especificamente em três dos trabalhos desta exposição. "Um H.P." (um "horse power", cavalo-vapor) é uma mistura de cavalo real e imaginário, torto, simpático mas ao mesmo tempo ridículo. "São Semáforo" é uma coisa híbrida, em que um poste de sinal de

trânsito se transforma numa espécie de árvore. E, finalmente, "O Bicho Perturba" é uma britadeira que também parece um animal esfomeado, com os dentes arreganhados e ameaçadores. "Não sou contra a máquina, que é uma coisa esplêndida, magnífica", observa Gerda. "Apenas protesto contra a importância excessiva que lhe querem atribuir."

Essa mesma atitude de protesto humorístico faz parte constante de todo o resto de sua obra. O bandeirante, por exemplo, carrega pente e escova de dentes, bem visíveis junto do mosquetão. O "homo sapiens", cercado de tubos de ensaio, livros e mapas, está ao mesmo tempo sobre um tapete cuja etiqueta com o preço é evidente. E, na nave espacial dos astronautas, uma segunda cabina tem um rótulo claro: "Classe turística", última ironia sobre um dos mitos publicitários mais modernos.

RESUMO JB

Os dez mais

Resumir é, por definição, uma tarefa difícil. E este ano, pela décima dificuldade consecutiva, o "Jornal do Brasil", do Rio, faz o seu "Resumo de Arte" — exposição coletiva (Museu de Arte Moderna, Rio) que reúne dez dos artistas que se apresentaram nas galerias cariocas em 1971. Escolhidos numa votação de que participam todos os críticos de arte do Rio, esses artistas devem representar — pelo menos em princípio — uma espécie de "nata" das centenas de exposições que movimentam o setor plástico de uma grande cidade. E, se por um lado essa síntese de qualidade é real-

continua na página 98

JORNAL: Revista Veja LOCAL: Quarabara

DATA: 14/06/1972 AUTOR: _____

TÍTULO: Resumo JB - Os dez mais

ASSUNTO: Os dez mais do Resumo JB - Ivan Serpa, no RESUM JB
então telex na página 97 desenho do Ivan Serpa



Os farrapos em cena: para cada espectador concluir como quiser

Mudos e āgeis

Assistir a **O TERCEIRO DEMÔNIO** (teatro Equipe, São Paulo) é participar de um jogo: o elenco dá as cartas, a platéia embaralha e usa a própria inteligência e imaginação para fazer as jogadas. Por que "O Terceiro Demônio", por exemplo? Porque sim. Vence o espectador que melhor souber tirar proveito das situações propostas.

O grupo Tuca-Centro de Teatro conservou, dos tempos do amadorismo, apenas a sigla — Teatro da Universidade Católica. Os profissionais de hoje montaram um espetáculo caleidoscópico: juntando movimentos, luzes e sons, cada espectador forma sua própria história. O elenco aboliu a palavra, mas compensou sua ausência com um domínio admirável dos movimentos. E da sensibilidade coletiva nasce o estímulo à inteligência de cada espectador na platéia em forma de arena.

Rótulos — Já no programa, o grupo esclarece o público sobre suas concepções teatrais. Os movimentos dos atores não podem ser definidos simplesmente como "expressão corporal" e o trabalho do operador de luz acompanha com maleabilidade o dos atores. As "marcações" ganham nova definição: serão abandonadas quando impedirem o intérprete "de enfrentar suas possibilidades, de enfrentar-se" e serão mantidas sempre que significarem "o trampolim que permita um mergulho novo a cada noite".

Vestidos de farrapos, os sete atores trabalham num palco quadrangular forrado de lixo e encimado por um objeto circular móvel sujeito a inúmeras definições: tanto pode ser uma grade como uma aranha, um disco-voador, Deus, o zodíaco, etc. Simbólica como os gestos,



João-Fregolente, Pedro-Nestor ...



... e Camões-Pereio

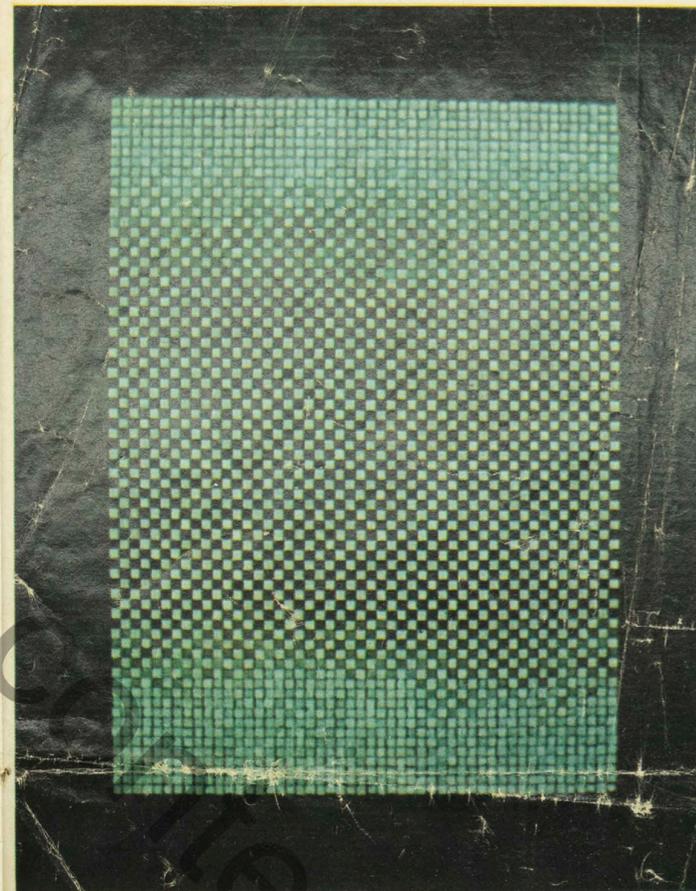
Erros históricos

Patriotismo é algo que pode dar ótimos resultados políticos, mas não necessariamente teatrais. Influenciados, sem dúvida, pelo clima de comemorações do sesquicentenário da Independência, dois diretores tentaram, heroicamente, deixar seus marcos históricos, mas os resultados dessas tentativas — **POR MARES NUNCA DANTES NAVEGADOS** e **INDEPENDENCIA OU MORTE** (Rio) — foram dois desastres que, mesmo nessa retumbante categoria, estão ameaçados de rápido ostracismo.

No primeiro, Paulo Afonso Grisolli quis fazer, com versos de Camões e música de Sidnei Miller, um espetáculo lítero-musical que fugisse às regras do gênero e, ao mesmo tempo, homenageasse os quatrocentos anos da publicação de "Os Lusíadas". Como, porém, a vida do poeta é um mistério que até hoje ninguém desvendou, a peça sobre ele não conseguiu, apesar dos vários enxertos, atrair a atenção do público por mais de cinco dias no maior teatro do Rio, o Municipal*.

À meia voz — Dentro de uma nau imaginada por Joel de Carvalho, Paulo César Pereio arriscou-se à difícil proeza de recriar Camões, enquanto Carlos Imperial passava por Bocage. À falta de um enredo, Grisolli decidiu amparar-se na música, no texto — recorreu até mesmo a um poema de Machado de Assis — e na coreografia. Como muleta, o "balé" encaixado no espetáculo foi

** Em compensação, o espetáculo poderá viajar, a partir desta semana, para lugares ainda mais incertos, antes de voltar ao Rio. Entre outras, está prevista uma temporada em Niterói e, até o fim do ano, uma em Portugal.*



Ivan Serpa, "Desenho"



Abelardo Zaluar, "Desenho"



Maria Bonomi, "Solombra"



Fayga Ostrower, "Gravura"